



XXXI Congresso de
Iniciação Científica
Unicamp

UNICAMP



ABORDAGENS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA EDUCAÇÃO SEXUAL DE ADOLESCENTES: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Palavras-chave: Educação Sexual, Adolescentes, Extensão Universitária

Beatriz Moretti de Moura, FCM - UNICAMP

Prof. Dr. Rubens Bedrikow, (orientador), DSC/FCM - UNICAMP

INTRODUÇÃO

A adolescência, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2014), compreende a faixa etária de 10 a 19 anos. Constitui uma fase do desenvolvimento humano carregada de mudanças fisiológicas, emocionais e sociais, na qual se destaca o maior desenvolvimento da sexualidade. Nesse sentido, a educação sexual visa transmitir conhecimento e incitar a reflexão dos jovens, permitindo que esses esclareçam suas dúvidas e expressem suas emoções e questionamentos (BARROS et al., 2020; FLORA; RODRIGUES; PAIVA, 2013; GONÇALVES; FALEIRO, MALAFAIA, 2013; SAITO; LEAL, 2007; VIEIRA et al., 2021; ZERBINATI; BRUNS, 2017).

Furlanetto et al. (2018), Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013), Zerbinati e Bruns (2017) defendem uma educação sexual emancipatória, que trate tanto dos aspectos anatômicos e fisiológicos (prevenção de doenças e gravidez indesejada), quanto dos aspectos sociais e culturais, tais como os papéis de gênero, a diversidade sexual, o preconceito, o prazer, a afetividade, os relacionamentos, a autoestima, o consentimento, entre outros.

Esta pesquisa está vinculada a programa de extensão universitária desenvolvido junto à comunidade moradora de favela urbana, na periferia do município de Campinas-SP. (Bedrikow, 2022). Extensão é uma das três dimensões ou missões da universidade, ao lado do ensino e da pesquisa. Na Constituição Federal de 1988, em seu artigo 207, consta que as universidades deverão obedecer ao “princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (CF, 1988).

Neste trabalho, adotamos a definição de extensão que a entende como um “processo interdisciplinar, político-educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa”. (Brasil, 2018)

Da interação prolongada e continuada dos extensionistas com os moradores da favela, emergiu a necessidade de se discutir educação sexual com adolescentes da comunidade, tema desta investigação. Houve interesse em saber quais as melhores estratégias usadas por outros grupos extensionistas para abordar esse assunto. Sendo assim, esta pesquisa se propõe a realizar a revisão bibliográfica de trabalhos que abordem experiências de extensão universitária envolvendo educação sexual de adolescentes.

OBJETIVOS

Objetivo geral: investigar estratégias de educação sexual para adolescentes realizadas como atividades de extensão universitária.

Objetivos específicos:

1. Analisar a produção bibliográfica relacionada a ações de extensão universitária voltadas à educação sexual de adolescentes.
2. Analisar as principais estratégias de educação sexual para adolescentes realizadas como atividades de extensão universitária presentes na literatura científica.
3. Elaborar propostas e dicas de como realizar ações de extensão universitária voltadas à educação sexual de adolescentes.

METODOLOGIA

A busca bibliográfica foi realizada em abril de 2023, nas bases de dados SciELO e PubMed. Os critérios de inclusão dos trabalhos foram: ter origem no Brasil, ser escrito em português ou inglês e ter ano de publicação entre 2018 e 2023. Os descritores utilizados para a pesquisa foram: 1) Educação Sexual AND Extensão; Sex Education AND Third Mission; 2) Educação Sexual AND Favela; Sex Education AND Favela; 3) Sexualidade AND Extensão; Sexuality AND Third Mission; 4) Sexualidade AND Favela; Sexuality AND Favela.

Os critérios de exclusão foram: não abordar atividades de educação sexual; não relatar experiências de extensão universitária; não trabalhar com adolescentes de 15 a 19 anos; não detalhar as metodologias utilizadas nas atividades de extensão. Dessa forma, foi realizada a leitura de títulos, de resumos e, por fim, dos artigos na íntegra, excluindo-se os trabalhos que preenchessem algum dos critérios de exclusão.

Dada a pequena quantidade de artigos encontrados nessas bases de dados, buscou-se analisar as seguintes revistas de extensão universitária: Revista Brasileira de Extensão Universitária, Revista Internacional de Extensão da Unicamp, Revista Ciência em Extensão e Revista de Cultura e Extensão. A primeira foi escolhida por seu âmbito nacional, enquanto as demais foram incluídas por serem publicadas no estado de São Paulo (estado da presente pesquisa). Foram lidos os sumários de todas as edições destas revistas de 2018 a 2023, buscando-se, pelo título, artigos que relatassem experiências de educação sexual com adolescentes. Em seguida, foi feita a leitura dos resumos destes trabalhos e, por fim, dos artigos na íntegra, utilizando-se os mesmos critérios de exclusão já citados.

Após a seleção dos artigos e sua leitura, esses foram analisados de acordo com as seguintes categorias: 1) Quem eram os extensionistas?; 2) Quem eram os participantes?; 3) Local da ação de extensão; 4) Descritores do trabalho; 5) Duração do projeto de extensão; 6) Número de encontros e duração; 7) Metodologias utilizadas nas atividades; 8) Temas abordados nas atividades; 9) Método de avaliação da ação de extensão; 10) Resultados dos projetos.

RESULTADOS

O Quadro 1, a seguir, apresenta o número total de artigos selecionados em cada etapa da busca bibliográfica, após a aplicação dos critérios de exclusão.

Quadro 1. Seleção dos artigos.

	Resultados	Leitura de título	Leitura de resumo	Leitura do artigo na íntegra
Bases de dados	29	7	3	2
Revistas de Extensão	-	6	5	5

Sendo assim, após a realização da busca bibliográfica nas bases de dados e nas revistas de extensão e da aplicação dos critérios de exclusão, foram selecionados sete artigos para a revisão bibliográfica: Barbosa et al. (2022); Bertollo, Martins & Ayres. (2018); Chagas et al. (2021); Faustino et al. (2021); Luchini et al. (2021); Magrin et al. (2022) e Santos & Parahyba (2018).

Os principais achados dos artigos selecionados, de acordo com as categorias analisadas, estão descritos nos quadros 2, 3, 4, 5 e 6, no slide seguinte.

DISCUSSÃO

Apesar de utilizarmos diferentes descritores na pesquisa, em duas grandes bases de artigos científicos, encontramos apenas dois artigos que se encaixaram em nossos critérios nessas plataformas. Esse número pode refletir a falta de atividades de extensão que trabalhem o tema ou então que, embora ocorram vários projetos de educação sexual com adolescentes, poucos desses são relatados em artigos científicos. A publicação desses trabalhos é importante porque permite que diferentes grupos extensionistas possam trocar experiências, além de adquirir e produzir novos conhecimentos e reflexões, aprimorando a atuação na comunidade.

Um achado interessante desta pesquisa corresponde ao perfil dos extensionistas. Em sua maioria, eram alunos de graduação, tendo apenas um grupo formado por pós-graduandos, o que condiz com evidências de que a extensão universitária desperta bem menos interesse nos programas de pós-graduação do que nos cursos de graduação.

Quadro 2. Extensionistas, participantes, local e descritores do trabalho.

Trabalho	Quem eram os extensionistas?	Quem eram os participantes?	Local da ação de extensão	Descritores do Trabalho
BARBOSA et al., 2022 (1)	Pós-graduandos e docentes das áreas de Enfermagem, Serviço Social e Biologia	23 alunos da rede básica de ensino, de 12 a 16 anos, que participavam das atividades da Casa da Ciência	Casa da Ciência	Gravidez na adolescência Prevenção primária Relações comunidade-instituição Ensino
BERTOLLO, MARTINS & AYRES, 2018 (2)	Graduandos de Medicina	Alunos de Ensino Médio de uma escola pública	Escola	Jovens Sexualidade Ensino
CHAGAS et al., 2021 (3)	Graduandos de Ciências Biológicas	256 alunos de Ensino Médio de duas escolas públicas	Escolas	Educação Sexual IST Adolescência
FAUSTINO et al., 2021 (4)	Alunos do IFPR, prioritariamente do Técnico em Enfermagem	Alunos do IFPR Câmpus Curitiba e Câmpus Colombo; Alunos de colégio estadual; Jovens atendidos por uma ONG	Escolas e ONG	Saúde Educação em Saúde Identidade de Gênero Sexualidade
LUCHINI et al., 2021 (5)	Graduandos e uma docente de Psicologia e Enfermagem	5 alunas, de 15 a 16 anos, do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública	Escola	Adolescente Sexualidade Gênero e saúde Educação em saúde Violência de Gênero Autoestima Ciência nas artes
MAGRIN et al. 2022 (6)	Graduandos de Psicologia	18 alunos do Ensino Médio de uma escola pública	Escola	Estudantes do ensino médio Saúde sexual Educação sexual
SANTOS & PARANAHYBA, 2018 (7)	Graduandos e uma docente de Psicologia	Alunos de escola pública de ensino técnico de nível médio	Escola	Psicologia Formação de professores Ensino médio

Quadro 3. Duração dos projetos, número de encontros e duração, método de avaliação da ação.

Trabalho	Duração do projeto	Número de encontros e duração	Método de avaliação da ação
BARBOSA et al., 2022 (1)	2017–2019	12 encontros semanais de 1h15, por semestre	Diário de Campo Observação estruturada Apresentação dos participantes
BERTOLLO, MARTINS & AYRES, 2018 (2)	Jun-nov 2016	3 oficinas + gincana final	Questionários Diário de Campo Gincana
CHAGAS et al., 2021 (3)	Mai-ago 2018	Escola A: 1 encontro de 50 min por turma. Escola B: 1 encontro de 1h40 por turma.	Registro das respostas dos participantes durante as atividades
FAUSTINO et al., 2021 (4)	Out/2017- dez/2019	Não especificou	Conversa com os participantes
LUCHINI et al., 2021 (5)	Out-dez 2019	6 encontros quinzenais de 50 min	Conversa com as participantes
MAGRIN et al. 2022 (6)	Ago-dez 2016	9 oficinas semanais de 1h45	Questionários
SANTOS & PARANAHYBA, 2018 (7)	Não especificou	8 encontros de 2h	Apresentação de vídeo pelos participantes

Quadro 4. Metodologias utilizadas nas atividades.

Formato das atividades	1	2	3	4	5	6	7
Rodas de conversa/debates							
Jogos							
Aulas expositivas							
Assistir a vídeos e filmes							
Caixa de dúvidas/opiniões							
Elaboração de cartaz							
Discussão de casos							
Simuladores/Modelos anatômicos							
Leitura de textos							
Elaboração de texto							
Elaboração de peça de teatro							
Elaboração de vídeo							

Quadro 5. Temas abordados nas atividades.

Tema	1	2	3	4	5	6	7
ISTs							
Sexualidade							
Sexismo e violência							
Métodos contraceptivos							
Identidade de gênero e orientação sexual							
Autoestima							
Adolescência							
Outros	*	**		***			

*Maternidade e paternidade na adolescência; uso seguro das mídias sociais.

** Aborto.

***Saúde bucal.

Quadro 6. Resultados dos projetos.

Trabalho	Resultados
BARBOSA et al., 2022 (1)	Os participantes se mostraram receptivos, embora no começo estivessem mais tímidos. Apresentavam concepções prévias e superficiais a respeito dos temas trabalhados e relataram que os temas eram pouco abordados em casa ou na escola. Apesar disso, foram capazes de correlacionar os assuntos das atividades com vivências pessoais ou de conhecidos. Eles produziram peças de teatro, histórias em quadrinhos e redações, que demonstraram a apropriação do conteúdo e da linguagem científica.
BERTOLLO, MARTINS & AYRES, 2018 (2)	Os questionários aplicados mostraram que os assuntos trabalhados foram apropriados pelos participantes, melhorando significativamente a porcentagem de acertos. Além deles, também os estudantes de medicina, que participaram como extensionistas, tiveram aumento do conhecimento teórico e da confiança para tratar dos temas envolvidos na educação sexual.
CHAGAS et al., 2021 (3)	Os participantes se mostraram introvertidos no começo das atividades, mas depois foram se sentindo mais à vontade para participar. Apresentavam-se interessados pelas discussões e demonstraram ter conhecimentos prévios a respeito dos temas das questões.
FAUSTINO et al., 2021 (4)	A educação em pares permitiu a participação ativa dos participantes e extensionistas, que puderam refletir sobre gênero e saúde e dialogar entre si. Os extensionistas passaram a conhecer conflitos envolvendo o tema que afetavam de forma direta e indireta a comunidade em que estavam inseridos. As atividades foram recebidas com interesse e permitiram que os mediadores ganhassem experiência como educadores em saúde.
LUCHINI et al., 2021 (5)	As discussões se centraram em vivências femininas na sociedade, tratando do machismo e outras violências. As participantes se sentiram acolhidas para falarem sobre suas próprias experiências e, a partir dos temas abordados, criaram diversos produtos artísticos, como cartazes, colagem de gibis, um fanzine e uma poesia.
MAGRIN et al. 2022 (6)	Os participantes acharam de grande relevância os temas trabalhados e relataram que esses não eram abordados com frequência na escola. Os assuntos que eles consideraram mais importantes foram: Gênero, Sexualidade, Prevenção a ISTs, LGBTI e Corpo. As oficinas foram capazes de suscitar reflexões e um novo olhar nos jovens, incentivando o exercício informado e responsável da sexualidade.
SANTOS & PARANAHYBA, 2018 (7)	Os participantes se envolveram intensamente nas discussões e, como atividade final, produziram vídeos publicitários relacionados aos temas trabalhados, como igualdade de gênero e homossexualidade. Os licenciandos em Psicologia puderam, em conjunto com os participantes, apropriarem-se de conhecimentos que se somavam e modificavam seus saberes teóricos.

Quase todos os extensionistas eram da área da Saúde - considerando aí a Psicologia, que, não obstante ser enquadrada dentro das Ciências Humanas, tem relevante atuação profissional na Saúde -, com exceção de pós-graduandos de serviço social. Contudo, mesmos estes, com frequência, atuam de forma intersetorial com profissionais e em serviços de saúde. O predomínio de extensionistas da Enfermagem, Medicina e Psicologia pode indicar que o tema da sexualidade humana pode ser gerador de sofrimento psíquico e costuma ser abordado numa dimensão biomédica. Parece mais adequada uma abordagem interdisciplinar e intersetorial.

Também chamou a atenção a ausência de estudantes e docentes de Pedagogia em atividades educativas realizadas, em sua maioria, em escolas. Tal fato pode, com grande probabilidade, ser fruto do distanciamento entre as profissões da saúde e da educação, seja no período de formação, seja durante a vida profissional, revelando a insuficiência da intersetorialidade.

O fato de serem as escolas frequentadas pelos adolescentes os locais mais comumente usados para as ações de extensão parece ter pontos positivos tais como a facilidade de acesso e a familiaridade com o ambiente, com o potencial de tornar os encontros mais produtivos

Grupos com poucos adolescentes - de cinco a vinte e três - participaram de mais de um encontro ou oficina, isto é, houve espaço para retomada de temas e dúvidas e maior protagonismo deles nas rodas de conversa. Em que pese o notório ganho de qualidade das trocas quando se interage com grupos menores e em vários encontros, há, por outro lado, prejuízo na capacidade de incluir número maior de adolescentes, com menor impacto das ações extensionistas do ponto de vista de sua abrangência. Acreditamos que isso possa ser minimizado ao se capacitar esses participantes para multiplicarem e capitalizarem as discussões realizadas para outros colegas da escola.

Mesmo os projetos de extensão que consistiram em vários encontros - número máximo de doze - não indicaram alguma forma de continuidade, dando a impressão de que a Universidade chega, atua, e desaparece, numa relação de interação pontual. Sob essa perspectiva, se por um lado a realização de vários encontros potencializa o emprego de metodologias participativas, o protagonismo dos adolescentes e a consequente criação de vínculo, por outro lado torna mais difícil e dolorida a saída do território, o que deve ser planejado a fim de se tomar medidas que possam minimizar os “estragos”.

No que se refere às metodologias usadas podem se dividir em três principais modalidades: 1) metodologias nas quais os adolescentes são passivos, expectadores e simplesmente recebem conhecimento depositado pelos extensionistas: aulas expositivas, apresentação de vídeos e filmes, leitura de textos; 2) metodologias nas quais os adolescentes e extensionistas interagem e trocam saberes e experiências: jogos, rodas de conversa, debates, discussão de casos, caixas de dúvidas e opiniões; 3) metodologias nas quais os adolescentes são convidados a produzirem material e conteúdos sobre o tema: elaboração de cartaz, texto, peça de teatro e vídeo. O uso de mais de uma modalidade de metodologia por um mesmo grupo extensionista nos diferentes encontros parece ser prática muito interessante e profícua. Em geral, isso é possível nos projetos de extensão que preveem vários encontros. Nesse sentido, seria desejável priorizar interações que valorizem o saber dos adolescentes, numa lógica freiriana.

O tema ISTs, presente nos projetos, reforça o aspecto biomédico da abordagem e indica ser essa uma preocupação central dos universitários quando interagem com a sociedade para discutir questões relacionadas à sexualidade, o que não é necessariamente o caso. Ao lado das ISTs, o tema dos métodos contraceptivos são tradicionalmente abordados pelas equipes de saúde da Atenção Básica e também fizeram parte de projetos de extensão.

Quando analisamos os resultados dos trabalhos, percebemos um padrão no comportamento dos estudantes, os quais se mostram tímidos no início das atividades, mas, conforme se sentem acolhidos, tornam-se receptivos e interessados. Seus conhecimentos prévios são avaliados por vezes através de questionários e outras através de conversas, nas quais podem falar sobre suas próprias experiências. Os extensionistas percebem a informação que os participantes trazem como superficial e insuficiente, o que pode ser em parte explicado pelo espaço insuficiente para discutir sexualidade na escola e em casa.

Ao final dos projetos, percebe-se uma transformação de mão dupla, na qual tanto os participantes oriundos da comunidade como os estudantes universitários são modificados pelas experiências compartilhadas. Isso é explicitado nos trabalhos de Bertollo, Martins & Ayres (2018), Faustino et al. (2021) e Santos & Paranyha (2018), que falam sobre conhecimentos e experiências obtidas pelos extensionistas. Essa troca é própria da extensão, a qual permite a mudança da comunidade pela universidade assim como da universidade pela comunidade.

CONCLUSÃO

O presente trabalho permite verificar que a produção bibliográfica nacional atual a respeito de experiências de extensão universitária com educação sexual de adolescentes é pequena. Porém, pudemos encontrar trabalhos variados com diferentes abordagens, apesar de apresentarem muitos pontos em comum. A maioria dos grupos extensionistas são formados por alunos de graduação na área da saúde. O local escolhido para as atividades foi a escola em quase todos os casos, mas não houve participação de estudantes ou profissionais da Pedagogia.

Dentre os artigos, houve predomínio de metodologias múltiplas e interativas, que estimulavam a participação dos participantes. Esses se mostraram interessados nos temas abordados e destacaram a importância dessas ações, uma vez que a educação sexual é abordada de forma limitada com a família e os professores. Com isso em mente, seria interessante que os projetos de extensão apresentassem duração mais prolongada e compromisso com a continuidade de suas ações na comunidade.

Gostaríamos de ressaltar a necessidade de maior publicação de trabalhos que abordem a educação sexual na extensão universitária. Assim, essas experiências poderão ser compartilhadas entre diferentes grupos de estudantes e gerar reflexões e novas formas de falar sobre sexualidade com adolescentes, potencializando as mudanças provocadas nas vidas dos jovens e dos próprios extensionistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, N. et al. Educação sexual na adolescência: Relato de experiência de três anos no Programa Educacional Pequeno Cientista. Revista Brasileira de Extensão Universitária, v. 13, n. 3, p. 277-290, 4 dez. 2022.

BARROS, T. M. K. B. H. et al. Atitudes dos alunos adolescentes sobre a sexualidade: construção e validação de uma escala. Rev. Paul. Pediatr., v. 39, pp. 1-8, 2021.

BEDRIKOW, R. Extensão universitária na Vila Paula: contribuições para a integração entre ensino e extensão na formação médica. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2022.

BERTOLLO, L. G.; MARTINS, R.; AYRES, J. R. EDUCAÇÃO SEXUAL E REPRODUTIVA PARA ADOLESCENTES COMO EDUCAÇÃO ENTRE PARES: AVALIAÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Revista Brasileira de Extensão Universitária, v. 9, n. 2, p. 83-91, 21 ago. 2018.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

Brasil. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução n. 7, de 18 de dezembro de 2018. Brasília. MEC, 2918.

BRASIL. Ministério da saúde. Banco de dados do Sistema Único de Saúde - DATASUS. Informações de Saúde, Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos.

BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico HIV/AIDS 2020. Dez. 2020.

CHAGAS, L. A. A. et al. A utilização de diferentes dinâmicas na abordagem da educação sexual para adolescentes. Rev. Ciênc. Ext., v. 17, p. 312-324, 2021.

DELZIOVO, C. R. et al. Características dos casos de violência sexual contra mulheres adolescentes e adultas notificados pelos serviços públicos de saúde em Santa Catarina, Brasil. Cadernos de Saúde Pública, v. 33, n. 6, pp. 1-13, 2017.

FAUSTINO, G. G. et al. Adolescentes discutindo saúde e gênero entre pares: relato de experiência. Rev. Ciênc. Ext., v. 17, p. 422-431, 2021. .

FLORA, M. C.; RODRIGUES, R. F. F.; PAIVA, H. M. C. G. da C. Intervenções de educação sexual em adolescentes: uma revisão sistemática da literatura. Revista de Enfermagem Referência, v. III, n. 10, pp. 125-134, jul. 2013.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário Brasileiro de Segurança Pública. 2021..

FREITAS, S.; BERMÚDEZ, X. P. D.; MÉRCHAN-HAMANN. Sentidos atribuídos por jovens escolares LGBT à afetividade e à vivência da sexualidade. Saúde Soc., São Paulo, v. 30, n. 2, pp. 1-13, 2021..

FURLANETTO, M. F. et al. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. Cadernos de Pesquisa, v. 48, n. 168, pp. 550-571, abr./jun. 2018.

GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H., MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. HOLOS, ano 29, v. 5, pp. 251-263, 2013.

LUCHINI, E. P. M. et al. Relato de experiência: desenvolvendo criativamente saberes e sentidos para debater sexualidade e gênero. Rev. Ciênc. Ext. v. 17, p. 495-504, 2021.

MAGRIN, N. P. et al. O IMPACTO DE OFICINAS SOBRE SEXUALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM ESTUDANTES. Psicologia Escolar e Educacional, v. 26, 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Health for the World's Adolescents: A second chance in the second decade. 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Saúde sexual, direitos humanos e a lei. Porto Alegre: UFRGS, 2020.

RIVERA, A. I. V. et al. Actions to prevent sexual violence against adolescents: an integrative literature review. Rev. Bras. Enferm., v. 4, suppl. 4, pp. 1-7, 2021.

RODRIGUES, V. C. da C. et al. Fatores associados ao conhecimento e atitude de adolescentes quanto ao uso de preservativo masculino. Rev. Bras. Enferm., v. 4, suppl. 4, pp. 1-7, 2021.

SAITO, M. I.; LEAL, M. M. Adolescência e contracepção de emergência: Fórum 2005. Rev. Paul. Pediatría, v. 25, n. 2, pp. 180-186, 2007.

SANTOS, S. D. M. DOS .; PARANAHYBA, J. DE C. B.. Sexualidade e gênero(s): debates e desafios no estágio de licenciatura em psicologia. Psicologia Escolar e Educacional, v. 22, n. 1, p. 83-91, jan. 2018.

SOUZA, V. P. de et al. Protagonismo de adolescentes no planejamento de ações para a prevenção da violência sexual. Texto & Contexto Enfermagem, v. 29, pp. 1-13, 2020.

VIEIRA, K. J. et al. Início da atividade sexual e sexo protegido em adolescentes. Escola Anna Nery, v. 25, n. 3, pp. 1-6, 2021.

ZERBINATI, J. P.; BRUNS, M. A. de T. Sexualidade e educação: revisão sistemática da literatura científica nacional. Traveçias, v. 11, n. 1, pp. 76-92, jan./abr. 2017.